

SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de outubro de 2021

INTRODUÇÃO

Contexto

Segundo o entendimento de vários autores, a 2Cor é uma compilação de diversas cartas. De facto, se, por exemplo, nos caps. 8-9, Paulo fala com amabilidade e simpatia do tema da coleta para Jerusalém, nos caps. 10-13 apresenta um tom duro e irónico, que deixa perceber um clima de tensão com a comunidade. Assim, a 2Cor corresponderia a três cartas diferentes, escritas no contexto de uma polémica que começou com a chegada a Corinto de cristãos que se consideravam apóstolos (11,5.13; 12,11), mas que tinham uma visão do evangelho de Cristo (11,4) e do apostolado (10,12) diferente da de Paulo, a quem, por isso, negavam a legitimidade apostólica. Paulo escreve, então, à comunidade uma primeira carta (que constituiria o grosso da 2Cor tal como a temos hoje), na qual se defende das acusações que esses forasteiros faziam em relação ao seu apostolado e pregação. Percebe-se, no entanto, pelo tom afetuoso (6,11-13; 7,2-4), que continua de boas relações com a comunidade e espera que esta não se deixe influenciar pelas acusações que lhe fazem.

Contudo, a carta não surtiu o efeito desejado, o que levou Paulo a viajar até Corinto. A visita acabou num conflito de tal forma grave que o apóstolo foi ofendido por um dos membros da comunidade (2,5; 7,12). Regressado a Éfeso, Paulo, num tom polémico e duro, escreve uma segunda carta, que corresponderia aos caps. 10-13 (a chamada *Carta das Lágrimas*), em que manifesta o seu desgosto por a comunidade ter acreditado nas afirmações dos forasteiros, e apela por isso à «ordem» (13,9.11), sob ameaça de intervir duramente na sua próxima visita (10,2ss; 13,2ss). O portador da carta é Tito, que no seu regresso traz a boa notícia da reconciliação da comunidade com Paulo; este, feliz, escreve uma terceira carta, que corresponderia a 1,1-2,13 e 7,5-16.

Conteúdo

O tema central é o do apostolado, que depende intrinsecamente do evangelho, cujo conteúdo é a intervenção salvífica de Deus na morte e ressurreição de Cristo, de que o apóstolo é mediador qualificado. A centralidade deste tema manifesta-se em:

- a) A *terminologia*. Além de *apóstolo de Cristo* (1,1; 11,13), Paulo apresenta-se como *ministro de Deus* (6,4), *de Cristo* (11,23) e *de uma nova*

- aliança* (3,6), fala do apostolado como *ministério do Espírito* (3,8), *da justiça* (3,9; 11,15) e *da reconciliação* (5,18), e, para expressar como o exerce, recorre ao verbo *servir* (3,3; 8,19.20). O termo *ministro* ou *servidor* (em grego *diákonos*) sublinha a sujeição de Paulo e do seu serviço sem reservas a Deus, a Cristo, e ao evangelho de que é portador;
- b) *A conversão e vocação para o apostolado*. Paulo repete várias vezes que o apostolado nasce do evangelho que lhe foi revelado (2,14-4,6; 5,11-21): Deus chamou-o e fez brilhar no seu coração a mesma luz do *conhecimento da glória de Deus* [que havia] *no rosto de Jesus Cristo*, que ele, como apóstolo, passou a irradiar (4,6). Foram-lhe concedidos o ministério e a palavra da reconciliação, quando Deus por Cristo *o reconciliou consigo* (5,18s), um acontecimento que é visto como *uma nova criação* (5,17). Dominado pelo amor de Cristo, não mais viveu para si próprio, mas para Aquele que por ele morreu e ressuscitou (5,14s). Por isso, o seu apostolado é apresentado como evangelho incarnado, nomeadamente nos seus sofrimentos;
- c) *Os sofrimentos do apóstolo*. São referidos em 4,7-5,10; 6,1-10 e 11,16-12,10, numa longa enumeração que ultrapassa a das restantes cartas. Aos olhos dos adversários de Paulo, esses sofrimentos eram um sinal de que lhe faltava a dignidade apostólica. O apóstolo defende exatamente o contrário: é nas debilidades que nele mais se manifesta o poder com que Deus ressuscitou Cristo de entre os mortos (4,10). Por isso se gloria das suas fraquezas: *para que habite em mim a força de Cristo [...] pois, quando sou fraco, então é que sou forte* (12,9s). Entre os beneficiários privilegiados desta transmissão viva do evangelho está a comunidade (4,12);
- d) *A sinceridade do apóstolo*. Apresentado no princípio (1,12-14), este é um tema que atravessa a carta, em vários contextos: quando fala das mudanças nos planos de visitas a Corinto (1,15-2,2); na discrepância entre a sua aparente fraqueza, quando presente na comunidade, e a dureza, quando dela ausente (10,1-11); quando é acusado de, apesar de renunciar a ser remunerado pelo trabalho apostólico, promover a coleta em favor dos cristãos de Jerusalém (11,7-11; 12,13-18). À desconfiança que isso provoca, Paulo responde com a verdade do evangelho, que se manifesta, sobretudo, nas promessas de Deus, cumpridas em Cristo, tal como ele tinha anunciado em Corinto (1,18-22), mas também na mi-

- sericórdia de Deus, a que deve o ministério apostólico (4,1s) e no seu amor pela comunidade, cuja dimensão só Deus conhece (11,11; 12,14s);
- e) *A coleta em favor dos cristãos de Jerusalém*. Iniciada em Corinto (1 Cor 16,1-4), a coleta foi interrompida, certamente devido ao conflito gerado pelos forasteiros, e deve ser agora retomada, segundo as orientações dos caps. 8-9, em que Paulo recomenda à comunidade Tito e outros delegados. É à luz do evangelho que à coleta ele chama *graça* (8,1.4.6.7.19), *ministério* (8,4; 9,1.12.13) e *comunhão* (8,4; 9,13). *Graça*, porque enraizada na *graça de Nosso Senhor Jesus Cristo: sendo rico, fez-se pobre por vossa causa, para que, pela sua pobreza, vos torneis ricos* (8,9); *ministério*, porque resulta da submissão ao evangelho de Cristo (9,13), que fez dele seu ministro; *comunhão*, pela gratidão e afeição que causa nos cristãos que a recebem e no apóstolo que a incentiva (9,13-15);
- f) *A reconciliação da comunidade com o apóstolo*. Este é o objetivo último da carta (6,11-7,4; 12,19-13,10), algo que só se torna possível na comunhão do mesmo evangelho, que os coríntios receberam por meio do ministério apostólico de Paulo (10,12-18). O apóstolo apela insistentemente para que regressem à comunhão com Deus (6,14-7,1; 13,5-10); quando esta é alcançada, manifesta a consolação (7,5-16) que tinha agradecido a Deus no início (1,3-11).

ESTRUTURA

Introdução (1,1-11)

Corpo da carta (1,12-13,10)

- I. Tema e objetivo (1,12-14)
- II. Retrospectiva das relações entre Paulo e os Coríntios (1,15-2,13)
- III. O ministério apostólico de Paulo (2,14-7,4)
- IV. Resultado do envio de Tito
e de uma anterior carta aos Coríntios (7,5-16)
- V. A coleta em favor da comunidade cristã de Jerusalém (8,1-9,15)
- VI. Autodefesa de Paulo contra os seus adversários (10,1-13,10)

Conclusão (13,11-13)

INTRODUÇÃO (1,1-11)

1 Saudação

¹Paulo^a, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo^b, à Igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão por toda a Acaia: ²a vós, a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Bênção e ação de graças

³Bendito^c seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdia^d e Deus de toda a consolação^e, ⁴que nos consola em todas as nossas tribulações, para podermos também nós consolar os que se encontram na tribulação – qualquer que ela seja – por meio da consolação com que nós próprios somos consolados por Deus. ⁵Porque, assim como em nós abundam os sofrimentos de Cristo^f, também por meio de Cristo abunda a nossa consolação. ⁶Se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; se somos consolados, é para vossa consolação – aquela que vos leva a suportar, com perseverança, os mesmos sofrimentos de que também nós padecemos. ⁷E é firme a nossa esperança a vosso respeito, sabendo que, tal como sois participantes nos sofrimentos, o sois também na consolação.

^a A introdução segue o esquema tripartido, típico nas cartas gregas: remetente (v.1a), destinatários (v.1b) e saudação (v.2); Paulo, no entanto, aduz imediatamente alguns temas da carta: a sua condição de *apóstolo*, contestada na comunidade (2,14-7,4; 10-13); a relação com *Cristo* e com *Deus*, comum a ele e à comunidade (pela repetição, que forma por isso uma inclusão, das expressões *Cristo Jesus* e *Jesus Cristo*); o lugar de *Timóteo*, destacado como *o irmão*, colaborador na fundação da comunidade (1,19); o envolvimento dos cristãos ou *santos* de toda a província *da Acaia* (9,2).

^b Lit.: *Timóteo, o irmão*. Com esta expressão Paulo provavelmente enfatiza a dignidade de Timóteo como seu colaborador.

^c À bênção da parte de Paulo (vv.3-7) segue-se a ação de graças da comunidade (final dos vv.8-11). Nos vv.4-7 predominam as palavras *consolação* e *consolar* (10 vezes); e nos vv.8-11, o verbo *libertar*. É da libertação de perigos de morte (vv.8-10) que provém a consolação que Paulo partilha com a comunidade, para que também ela, nas suas tribulações, persevere e se salve. Na base desta comunhão nos sofrimentos, na consolação e na oração está o evangelho de Cristo ressuscitado (vv.5,9).

^d Lit.: *das misericórdias*; expressão ambivalente, que parece indicar tanto um qualificativo de *Pai* (*miserericordioso*), como a fonte e origem da misericórdia.

^e Na *consolação*, segundo a etimologia do termo grego (*paráklēsis* – *chamamento para junto*), Deus aproxima-se do crente, capacitando-o para perseverar no cumprimento dos seus desígnios.

^f Ao sofrer por anunciar o evangelho, Paulo participa nos sofrimentos de Cristo (Fl 3,9), de tal modo que estes se manifestam nos do apóstolo (2Cor 4,10s; 11,23; 12,9s).

⁸De facto, não queremos que vós, irmãos, ignoreis como foi a tribulação por que passámos na Ásia^g: fomos oprimidos a tal ponto, tão acima das nossas forças, que perdemos a esperança até de viver. ⁹Contudo, se recebemos em nós mesmos a sentença de morte, foi para que não puséssemos a confiança em nós próprios, mas em Deus, que ressuscita os mortos. ¹⁰Foi Ele quem nos livrou e nos há de livrar de tão grande perigo de morte; e, pela esperança que nele temos, há de nos continuar a livrar, ¹¹colaborando também vós com orações em nosso favor, para que, a partir das orações de muitos^h, a graça que nos for concedida faça com que sejam também muitos a dar graças por nós.

CORPO DA CARTA (1,12 – 13,10)

I. TEMA E OBJETIVO (1,12-14)

¹²O motivo que temos para nos gloriar é este: o testemunho da nossa consciência de que, no mundo e especialmente para convosco, tem sido com a simplicidade e a sinceridade de Deus que temos procedido; não com sabedoria carnal, mas com a graça de Deus. ¹³Assim, não vos escrevemos outras coisas senão as que podeis ler e compreender. Espero, aliás, que as compreendais até ao fim, ¹⁴como em parte já as compreendestes em relação a nós: somos o motivo para vos gloriardes, como também vós sois o nosso, no dia de Jesus, nosso Senhor.

II. RETROSPECTIVA DAS RELAÇÕES ENTRE PAULO E OS CORÍNTIOS (1,15 – 2,13)

Planos de visitas de Paulo aos Coríntios

¹⁵Era com esta confiançaⁱ que primeiramente queria ir ter convosco – para receberdes uma segunda graça – ¹⁶e, depois de estar convosco, prosseguir

^g Trata-se provavelmente da prisão em Éfeso, referida em Fl 1,12-21.

^h Lit.: *a partir de muitos rostos*, i.e., os das pessoas que na oração se voltam para Deus.

ⁱ Por mudar o plano de visita aos coríntios (referido nos vv.15s, e exposto em 1Cor 16,3-8), Paulo é acusado de leviandade e de oportunismo (v.17). Este defende-se, fundamentando teologicamente a sua atividade apostólica na intervenção histórico-salvífica das três pessoas divinas (vv.18-22), e assegurando que só o bem dos Coríntios o levou a mudar de planos (1,23-2,2).

até à Macedónia e, da Macedónia, ir de novo ter convosco para me providenciardes o necessário para a viagem à Judeia^a. ¹⁷Ora será que, ao planear isto, terei procedido com leviandade? Será que aquilo que planeio, o planeio segundo objetivos humanos^b, de tal modo que em mim sejam a mesma coisa o «sim, sim» e o «não, não»^c?

¹⁸ Deus é testemunha fiel^d de que a palavra que vos dirigimos não é «sim» e «não». ¹⁹ É que o Filho de Deus, Jesus Cristo, que entre vós foi por nós anunciado – por mim, por Silvano e por Timóteo – não foi um «sim» e um «não»; pelo contrário, nele houve apenas um «sim». ²⁰ De facto, nele todas as promessas de Deus se tornaram «sim»; por isso, é também por meio dele que podemos dizer o «amen» para glória de Deus^e. ²¹ É Deus quem nos confirma convosco em Cristo, e quem nos ungiu, ²² Ele que assim nos marcou com um selo e depositou nos nossos corações^f o penhor do Espírito.

²³ Quanto a mim, pela minha vida, invoco Deus como testemunha de que foi para vos poupar que não mais voltei a Corinto. ²⁴ De facto, não queremos ser senhores da vossa fé, mas sim colaboradores da vossa alegria^g, pois, na fé, estais firmes.

2 ¹ Por isso, decidi comigo mesmo não voltar a ir ter convosco, para não vos causar tristeza^h. ² Pois, se eu vos entristeço, quem me poderia alegrar, se não aquele que está triste por causa de mim?

^a Lit.: *e por vós ser provido para a Judeia*.

^b Lit.: *segundo a carne*.

^c Encontramos expressões idênticas em Mt 5,37 e Tg 5,12.

^d Lit.: *Deus é fiel*.

^e Lit.: *por isso, também através dele o «amen» a Deus para glória através de nós*.

^f Paulo apoia-se na linguagem e no conteúdo da celebração litúrgica da iniciação cristã para apresentar a formulação trinitária dos vv.21s: ao *sim* de Deus, na realização das suas promessas em Cristo, respondem os crentes com o *amen* da sua adesão de fé (v.20); no original há um jogo de palavras entre *ungiu* e *Cristo* (= *Ungido*), mediador da salvação de Deus (v.21), e a expressão “marcar com o selo” refere-se à unção que, pelo fogo do Espírito, marca para sempre os crentes como propriedade exclusiva de Deus (v.22).

^g Esta *alegria*, que predomina nos vv. seguintes, nasce do dom da fé e da comunhão entre os crentes, reforçada pela reconciliação da comunidade com o apóstolo.

^h Lit.: *com tristeza*.

Uma carta anterior e seus resultados

³E foi isso mesmo que escreviⁱ, para que, ao chegar, não viesse a receber tristeza da parte daqueles que me deviam alegrar, convencido como estou, a respeito de vós todos, de que a minha alegria é a de todos vós. ⁴Foi, de facto, numa grande aflição e de coração angustiado que vos escrevi entre muitas lágrimas, não para que fiquéis tristes, mas para conhecerdes o amor que por vós tenho em abundância.

⁵Mas se alguém foi causa de tristeza, não foi a mim que causou tristeza, mas sim a todos vós, ou pelo menos a uma parte – para não exagerar. ⁶Para esse é suficiente aquele castigo que lhe foi imposto^k pela maioria, ⁷pelo que agora deveis antes perdoá-lo e consolá-lo, não vá ele ser engolido por uma tristeza excessiva. ⁸Exorto-vos, por isso, a que reforceis o amor para com ele. ⁹Pois foi para isto que também vos escrevi: para ficar a saber, por essa prova, se sois obedientes em tudo. ¹⁰A quem perdoardes, também eu perdo^l. De facto, o que eu perdoei – se algo perdoei – foi por vossa causa, na presença de Cristo^m, ¹¹para não sermos enganados por Satanás, pois não ignoramos as suas intenções.

Envio de Tito e incerteza sobre o desfecho

¹²Quando, porém, cheguei a Tróadeⁿ para anunciar o evangelho de Cristo, apesar de me ter sido aberta uma porta pelo Senhor, ¹³não tive sossego no meu espírito, por não encontrar Tito^o, meu irmão. Então, despedindo-me deles, parti para a Macedónia^p.

ⁱ Em vez da anunciada visita, Paulo escreveu a chamada *Carta das Lágrimas* (vv.3s; cf. 10-13), para procurar superar a tristeza mútua e encontrar a reconciliação (v.3), manifestar o seu amor pela comunidade (v.4) e pôr à prova a sua obediência (v.9), o que veio a acontecer. Agora, o apóstolo exorta os coríntios a perdoar, tal como ele, a quem o ofendeu (vv.5-11).

^j Lit.: *não tenha*.

^k *Foi imposto* é acrescento da tradução.

^l *Perdo* é acrescento da tradução.

^m Lit.: *no rosto de Cristo*.

ⁿ Esta presença em Tróade é diferente das descritas em At 16,1-6 e 20,5-13.

^o Tito foi o portador da *Carta das Lágrimas*, referida em 2,4.

^p O relato aqui iniciado é retomado em 7,5.

III. O MINISTÉRIO APOSTÓLICO DE PAULO (2,14 – 7,4)

Introdução e tema (2,14-17)

¹⁴Mas demos graças a Deus^a, que nos conduz sempre em cortejo triunfal, por meio de Cristo e que, através de nós, manifesta em todo o lugar o odor do seu conhecimento^b. ¹⁵Porque, para Deus, nós somos o perfume de Cristo entre aqueles que se salvam e entre aqueles que se perdem: ¹⁶para uns, somos um odor de morte que causa a morte; para outros, um odor de vida que causa a vida^c. E quem estará capacitado para isso?^d ¹⁷De facto, não somos como muitos desses que fazem comércio com a palavra de Deus; pelo contrário, é com sinceridade que, como enviados^e de Deus em Cristo, perante Deus falamos.

O ministério glorioso da nova aliança (3,1 – 4,6)

3 A legitimação apostólica de Paulo

¹Será que vamos começar, de novo, a recomendar-nos a nós mesmos? Ou porventura precisamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte?^f ²A nossa carta sois vós, inscrita nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. ³É manifesto que sois uma carta de Cristo, composta

^a À ação de graças introdutória (vv.14-16a) segue-se a apresentação do tema (vv.16b-17, desenvolvido em 3,1-7,4). Em contraste com a angústia sentida em Tróade (vv.12s), Paulo agradece a Deus os triunfos obtidos no seu ministério, para o qual o capacitou, como se comprova pelos efeitos salvíficos da sua pregação.

^b É possível que Paulo aluda aqui à cerimónia romana do Triunfo, em que o general celebrava uma vitória obtida sobre um inimigo externo, num cortejo militar e religioso em que eram incorporados reféns e se lançavam perfumes de incenso. Neste caso, Paulo, aludindo à sua vocação, considera-se alguém que Deus venceu, para o fazer mensageiro do evangelho nas triunfantes viagens apostólicas (cf. Cl 3,15, sobre o triunfo obtido na cruz).

^c Lit.: *para uns, odor de morte para morte; para outros, odor de vida para vida.*

^d *Capacitado* reaparece em 3,5s, sobre a origem divina do ministério apostólico.

^e *Enviados* é acrescento da tradução.

^f É assim que Paulo introduz a sua legitimidade apostólica, respondendo em ordem inversa às perguntas do v.1: não precisa de *cartas de recomendação* (v.1b), porque tem a comunidade de Corinto, por ele fundada, para o recomendar como verdadeiro apóstolo (vv.2s); com o que acaba de escrever (em 2,16b-17), não está a *recomendar-se a si próprio* (v.1a), porque foi Deus quem o capacitou para ser e agir como verdadeiro apóstolo (vv.4-6). Num caso como no outro, Deus atua por meio de Cristo e do seu Espírito e no cumprimento das promessas do AT (vv.3.6). Para exemplos de cartas de recomendação no NT, cf. At 18,27; Rm 16,1-2; 2Cor 8,18-23; Fl 2,19-24; Flm.

pelo nosso ministério^g, inscrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, que são os vossos corações^h.

⁴É por Cristo que temos tal confiança diante de Deus. ⁵Não é que por nós mesmos pensemos atribuir-nos seja o que for como se viesse de nós; pelo contrário, a nossa capacidade vem de Deus, ⁶que nos capacitou para sermos ministrosⁱ de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, enquanto o Espírito dá vida.

Os ministérios de Paulo e de Moisés

⁷Ora, se o ministério da morte^j, gravado com letras em pedras, foi de uma tal glória que os filhos de Israel não podiam fixar o olhar no rosto de Moisés^k, por causa da glória – que era transitória – do seu rosto, ⁸quanto maior não será em glória o ministério do Espírito? ⁹Se, de facto, houve glória no ministério da condenação, muito mais abundante em glória é o ministério da justificação. ¹⁰Com efeito, o que então foi considerado glorioso deixou de ser glorioso, por causa da glória eminentemente superior. ¹¹Se, de facto, foi glorioso aquilo que era transitório, quanto mais glorioso será aquilo que é permanente^l.

¹²Na posse, portanto, de uma tal esperança, é com grande confiança^m que procedemos, ¹³e não como Moisés, que colocava um véu sobre o seu rostoⁿ, para que os filhos de Israel não fixassem nele o olhar, vendo como um fim aquilo

^g Lit.: *ministrada por nós*.

^h Lit.: *em tábuas de corações de carne*.

ⁱ Tradução do grego *diákonos*, muito usado nesta carta para exprimir a condição apostólica (6,4; 11,15.23), tal como *diakonia* (ministério, serviço, cf. 3,7.8.9; 4,1; 5,18; 6,3) e o verbo *diakonēō* (*servir, administrar*, cf. 8.19.20). *Diacono* é, pois, aquele que faz a ligação entre quem o envia, como seu representante, e aqueles a quem é enviado.

^j É de morte, porque lhe faltava ainda a força vivificante do *Espírito*, que atua em Cristo ressuscitado, concedendo a vida divina (cf. 2Cor 2,15s; 4,3s).

^k Ao comparar-se com Moisés, a partir de Ex 34,29-35, Paulo destaca dois motivos: a *glória* que resplandecia no rosto de Moisés, sempre que ele se encontrava com Deus (vv.7-11), e o *véu* com que cobria o rosto (vv.12-18). Ambos são vistos a partir da nova aliança realizada por Deus em Cristo, da qual Paulo foi constituído ministro (v.6): é a morte e ressurreição de Cristo que faz com que a glória de Deus que nele brilha seja tão superior à de Moisés, em intensidade (vv.7-8.9) e em duração (vv.7.11). É pela adesão a Cristo que o véu, que entretanto se tornou símbolo da incredulidade (vv.13-15), é removido do coração não só de Paulo, mas de todos os cristãos (vv.16-18).

^l Lit.: *se pois o que é transitório [existiu] mediante a glória, muito mais o que permanece na glória*.

^m *Confiança* é a tradução do grego *parrēsía*, que, além de *abertura*, significa também *franqueza, arrojo, liberdade* – qualidades da conduta apostólica de Paulo, que ele desenvolve a seguir.

ⁿ Ex 34,33.35. O *véu*, de cobertura do *rosto de Moisés* (v.13), passa a assinalar a impossibilidade de compreender a Escritura fora da fé em Cristo.

que era transitório^a. ¹⁴Contudo, as suas mentes ficaram endurecidas. De facto, até ao dia de hoje, na leitura da antiga aliança^b, esse mesmo véu permanece por retirar, porque é em Cristo que é eliminado. ¹⁵Mais: até ao dia de hoje, sempre que se lê Moisés, continua estendido um véu sobre os seus corações. ¹⁶*Mas, quando alguém^c se voltar para o Senhor, o véu será retirado.* ¹⁷Ora, o Senhor é o Espírito^d; e onde está o Espírito do Senhor, há liberdade. ¹⁸E todos nós que, de rosto descoberto, espelhamos a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, de glória em glória^e, por ação do Espírito do Senhor.

4 O ministério de Paulo à luz da sua vocação

¹É por isso que^f, na posse de um tal ministério, de acordo com a misericórdia que recebemos, não desanimamos. ²Pelo contrário, rejeitámos subterfúgios vergonhosos^g; não procedemos com astúcia nem falsificamos a palavra de Deus, mas é pela manifestação da verdade que a nós próprios nos recomendamos a toda e qualquer consciência humana, diante de Deus. ³E se, apesar disso, o nosso evangelho está encoberto, é entre os que se perdem que ele está encoberto, ⁴entre os não crentes, cujas mentes o deus deste mundo cegou, a fim de que para eles^h não refulgisse o esplendor do evangelho da glória de Cristo, que é imagem de Deus. ⁵É que nós não nos anunciamos a nós próprios, mas a Jesus Cristo, o Senhor; anunciamo-nos sim, mas como vossos servos,

^a Lit.: *para os filhos de Israel não fixarem os olhos no fim do transitório.*

^b Em vez de *aliança* há quem traduza por *testamento*; ambas as leituras são possíveis: a primeira sublinha a ação de Deus, e a segunda o texto deixado em testamento por Moisés, considerado pela tradição judaica como o autor, pelo menos, do Pentateuco.

^c *Alguém* é acrescento da tradução. Citação de Ex 34,34, em que o sujeito é Moisés, mas que Paulo apresenta como representante dos que se voltam para Cristo, pela conversão e pela fé.

^d Paulo identifica o *Senhor*, referido na citação bíblica, com o *Espírito* de Cristo ressuscitado, a quem chama, em 1Cor 15,45, *Espírito que dá vida*. É Ele a fonte da franqueza e liberdade do apóstolo (vv.12.17) e da transfiguração dos crentes que o contemplam na sua *glória*, nomeadamente pelo evangelho em que se revela e atua (v.18).

^e Ou seja, da glória da Lei para a glória definitiva do Espírito. Ao contrário de Moisés, cuja imagem fulgurante se desvanecia (vv.7.13), o cristão é transformado pelo Espírito em imagem cada vez mais resplandecente de Deus em Cristo.

^f Nesta conclusão da exposição iniciada em 2,14, Paulo alude de novo à sua vocação, em que Deus manifestou a sua misericórdia e a sua glória no rosto de Cristo (vv.1. 6). Desde então, o evangelho é vivido por Paulo na primeira pessoa, em total sujeição à verdade da palavra de Deus e ao serviço daqueles a quem a transmite (vv.2.5). Por isso, não é a ele, mas ao poder do mal que se deve a falta de fé de quem rejeita o evangelho (vv.3s).

^g Lit.: *as coisas escondidas da vergonha*. Possível referência a procedimentos, no anúncio do evangelho, que causavam embaraço ou que podiam mesmo levar a perseguições.

^h *Para eles* é acrescento da tradução.

por causa de Jesus. ⁶Porque o Deus que disse: *Que das trevas brilhe a luz*ⁱ, foi quem brilhou nos nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento da glória de Deus^j no rosto de Jesus Cristo.

O ministério da morte e o da vida (4,7 – 5,10)

Um tesouro em vasos de barro

⁷Possuímos, porém, este tesouro em vasos de barro^k, para que se veja como tão incedível poder vem de Deus e não de nós^l. ⁸Em tudo somos atribulados, mas não esmagados^m; andamos perplexos, mas não desesperados; ⁹somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquiladosⁿ, ¹⁰carregando sempre no corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. ¹¹De facto, nós, os vivos, somos constantemente entregues^o à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal. ¹²De tal modo que a morte atua em nós, mas a vida em vós.

¹³E uma vez que possuímos o mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito – *Acreditei, por isso falei*^p – também nós acreditamos e por isso falamos, ¹⁴sabendo que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, também nos há de

ⁱ Citação de Gn 1,4, com Is 9,2. A conversão e vocação de Paulo são assim vistas como uma nova criação, o seu verdadeiro nascimento (cf. 2Cor 5,17; 1Cor 15,8; Gl 1,15s). Por isso o *conhecimento* de que fala aqui é, ao mesmo tempo, o que recebeu na vocação e o que transmite na pregação.

^j Lit.: *para esplendor do conhecimento da glória de Deus*.

^k São as duas faces do ministério apostólico: é um *tesouro*, de que faz parte o evangelho de Cristo (2,14-4,6); mas está contido no *vaso de barro* das fragilidades do apóstolo (4,7-5,10). É assim, porém, que Deus revela o seu poder: não deixa o apóstolo sucumbir às perseguições (vv.8s) e leva-o a participar nos sofrimentos de Cristo, dos quais nasceu e vive a comunidade cristã (vv.10-12). É nesse mesmo evangelho da morte e ressurreição de Cristo que o apóstolo e a comunidade estão unidos, no presente e no futuro da sua salvação (vv.13-15).

^l Lit.: *para que a imensidão do poder seja de Deus e não de nós*.

^m *Esmagados* no sentido de *apertados*, de acordo com a etimologia da palavra no original grego.

ⁿ Paulo fala dos seus sofrimentos também em 2Cor 6,4-10; 11,23-27; 12,10; 1Cor 4,10-13; Rm 5,3-5; 8,35-39; Fl 4,12s. A insistência neste tema, em 2Cor, deve-se ao facto de os opositores de Paulo conceberem o ministério apostólico numa visão exageradamente gloriosa; o apóstolo contrapõe, apresentando-o no contexto da teologia da cruz: o anúncio do evangelho implica uma identificação com Cristo também nos seus sofrimentos.

^o Com este verbo (*entregar*) Paulo estabelece um paralelo entre os seus sofrimentos e a morte de Jesus, ambos consequência do anúncio do evangelho (cf. Mc 14,18.21; 15,10.15; Mt 26,2; Lc 18,32; At 3,13; 1Cor 11,23).

^p Sl 115,1, que Paulo aplica a si mesmo; trata-se do evangelho no qual acreditou e que é objeto da sua pregação. O seu conteúdo é apresentado no v. seguinte.

ressuscitar com Jesus e fazer-nos comparecer convosco diante dele^a. ¹⁵Pois tudo é por vossa causa, para que a graça, que entre muitos abundou, faça transbordar a ação de graças para glória de Deus.

O efêmero e o eterno

¹⁶É por isso que não desanimamos. Pelo contrário, ainda que o nosso homem exterior se vá arruinando, o homem interior vai sendo renovado de dia para dia^b. ¹⁷De facto, a insignificância momentânea da nossa tribulação proporciona-nos um peso eterno de glória, para além de qualquer medida^c; ¹⁸nós não olhamos para o que é visível, mas para o invisível, pois o que é visível é efêmero, ao passo que o invisível é eterno.

5 O ministério à luz da eternidade

¹Sabemos^d, com efeito, que quando esta tenda, que é a nossa morada terrestre, for desfeita, teremos uma habitação que é obra de Deus^e, uma morada eterna nos Céus, que não é feita por mão humana. ²E, por isso, gememos nesta tenda, ansiando por nos revestirmos da morada que vem do céu³ – isto se formos encontrados vestidos^f e não nus. ⁴De facto, enquanto estamos nesta tenda gememos oprimidos, porque não queremos estar despidos, mas revestidos, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida. ⁵Mas quem nos proporcionou isso mesmo foi Deus, Ele que nos deu o penhor do Espírito.

^a Diante dele é acrescento da tradução.

^b *Homem exterior* e *interior* não são o corpo e a alma, mas as duas faces da condição do apóstolo (e de todos os cristãos) descritas atrás (vv.7-12): por um lado, a morte, já em ação nas tribulações; por outro, a vida nova recebida de Cristo, que as tribulações, em parte, encobrem (cf. Gl 2,20; Ef 3,16; Rm 8,18). *Vai sendo renovado* é um passivo teológico, pois a renovação é realizada por Deus, que nas tribulações vai robustecendo essa vida nova, como aconteceu com Cristo: a morte foi a maior prova de amor (cf. Rm 5,3ss), da qual brotou a glória da ressurreição.

^c Lit.: *ao longo da imensidão para a imensidão*.

^d Para apresentar a morte como consumação da comunhão com Cristo (cf. Fl 1,21.23), Paulo serve-se das imagens da habitação e da veste (vv.1-4) e, ainda, do exílio (vv.6-9). Assim, até à morte, vive-se como numa *tenda*, provisória e instável, e *exilado do Senhor*; depois, ter-se-á uma *morada* definitiva e segura, *junto do Senhor*. É por isso que Paulo *geme*, mantém a *confiança* e se esforça por, em tudo, *agradar* ao Senhor. Para isso recebeu o *penhor do Espírito* (v.5) e sabe que, como todos os cristãos, terá de comparecer no *tribunal de Cristo*, para ser julgado por Ele (v.10). Tudo isto, porém, é vivido na confiança de quem sabe que a vida com Deus já começou no batismo, ao ser-se *vestido* de Cristo.

^e Lit.: *edificação de Deus*.

^f Alguns mss. apresentam *despidos*.

⁶Estamos, portanto, sempre cheios de confiança, sabendo que, enquanto habitarmos no corpo, moramos longe do Senhor, ⁷pois caminhamos na fé e não na visão. ⁸E é cheios dessa confiança que preferimos deixar de morar no corpo para habitar junto do Senhor. ⁹Por isso nos empenhamos em ser-lhe agradáveis, quer habitando no corpo quer morando fora dele. ¹⁰Pois é necessário que todos nós compareçamos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba o bem ou o mal, de acordo com o que praticou enquanto esteve no corpo^g.

O ministério da reconciliação (5,11 – 6,10)

A reconciliação no amor de Cristo

¹¹Tendo conhecido^h, portanto, o temor do Senhor, procuramos convencer os homens; para Deus, porém, é evidente aquilo que somosⁱ. Espero que também seja evidente nas vossas consciências. ¹²Não vamos, de novo, recomendar-nos a nós próprios diante de vós, mas dar-vos uma oportunidade de vos gloriardes a nosso respeito^j, para que tenhais com que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração^k. ¹³Pois se nos excedemos^l, foi por Deus; se nos mantemos sensatos, é por vós.

¹⁴É, de facto, o amor de Cristo que nos impele, ao considerarmos isto: que um só morreu por todos, logo todos morreram; ¹⁵e morreu por todos, para que aqueles que vivem já não vivam para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou^m. ¹⁶De modo que, doravante, a ninguém mais conhecemos segundo a carne; ainda que, segundo a carneⁿ, tenhamos conhecido a Cristo,

^g Lit.: *por meio do corpo*.

^h A reconciliação que Paulo tem em mente é a dos cristãos de Corinto com ele (vv.11-13), partindo do amor ilimitado de Cristo, manifestado na sua morte e ressurreição (vv.14-17), acontecimento em que Deus *reconciliou* consigo toda a humanidade (vv.18s). Foi por este evangelho que Cristo converteu Paulo a si (v.16), e Deus o constituiu apóstolo, concedendo-lhe o *ministério da reconciliação* (v.19). E é este mesmo evangelho (ou *palavra da reconciliação*) que Paulo agora, com a autoridade apostólica recebida, (de novo) transmite aos destinatários da sua carta, com o pedido: *Deixai-vos reconciliar com Deus* (v.20s), o que implica a reconciliação com o apóstolo.

ⁱ Lit.: *mas a Deus somos manifestos*.

^j Lit.: *mas dando-vos motivo de glória em favor de nós*.

^k Lit.: *para que tenhais para os que se vangloriam no rosto e não no coração*.

^l Lit.: *estivemos fora de nós*. Paulo refere-se provavelmente ao tom exaltado com que se dirigiu aos coríntios na carta anterior.

^m Lit.: *foi ressuscitado*, um passivo de que Deus é o agente implícito.

ⁿ Isto é, conhecer Cristo *segundo a nossa carne*.

agora já não é assim que o conhecemos. ¹⁷De forma que, se alguém está em Cristo, é uma nova criação; o que é velho passou, eis que surgiu o que é novo.

¹⁸Mas tudo provém de Deus que, por meio de Cristo, nos reconciliou consigo e nos concedeu o ministério da reconciliação. ¹⁹Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas transgressões, e que em nós depositou a palavra da reconciliação. ²⁰Somos, portanto, embaixadores de Cristo, já que é Deus quem exorta por nosso intermédio. É por Cristo que vos pedimos: deixai-vos reconciliar com Deus. ²¹Àquele que não conhecera o pecado^a, Deus por nós o fez pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus.

6 **Recomendação como ministro de Deus**

¹Como seus colaboradores^b, também vos exortamos a que não recebeis a graça de Deus em vão. ²Pois Ele diz:

*No tempo favorável Eu te escutei,
e no dia da salvação te socorrir^c.*

Eis agora o tempo favorável, eis agora o dia da salvação. ³Em nada fomos obstáculo para ninguém, a fim de que o nosso^d ministério não fosse motivo de censura; ⁴pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus, com muita perseverança, nas tribulações, nas necessidades, nas angústias; ⁵nas chicotadas, nas prisões, nos tumultos; nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns; ⁶na pureza, na ciência, na paciência, na amabilidade; no Espírito Santo, no amor sincero, ⁷na palavra da verdade, no poder de Deus; pelas armas da justiça, as ofensivas e as defensivas^e; ⁸na glória e na desonra, na infâmia e na boa fama; tidos como impostores e, todavia, verdadeiros, ⁹como desconhecidos e, no en-

^a Refere-se a Cristo, na oferta da sua vida pelos pecados da humanidade, na medida em que, não sendo pecador, aparece como *pecado*, ao tomar sobre si os pecados da humanidade, para a tornar participante da justiça de Deus (a salvação).

^b A recomendação, assim iniciada, baseia-se na autoridade e no comportamento do apóstolo como *colaborador* (v.1) e *ministro de Deus* (v.4). Deus que, por meio de Paulo, exortava os coríntios à reconciliação (5,20), exorta-os agora a *não receberem em vão* essa graça (vv.1s), o que aconteceria se rejeitassem o apóstolo. É também Deus que, pelo *Espírito Santo* (v.6) e pelo seu *poder* (v.7), atua e se manifesta na vida do seu ministro (vv.3-10): nas suas adversidades (vv.4b-5), nas suas virtudes e dons (v.6s) e nas situações extremas com que se depara (vv.8-10, cf. 4,9 nota).

^c Is 49,8.

^d *Nosso* é acrescido da tradução.

^e Lit.: *através das armas da justiça, as direitas e esquerdas*: isto é, com as armas ofensivas (que se seguram na mão direita) e com as defensivas (que se seguram com a esquerda).

tanto, bem conhecidos, como moribundos e eis que vivemos, como castigados e, contudo, não mortos; ¹⁰como tristes, mas sempre alegres, como pobres, mas a muitos enriquecendo, como nada tendo e tudo possuindo.

Apelo à reconciliação

¹¹A nossa boca falou-vos com franqueza^f, ó coríntios; o nosso coração dilatou-se. ¹²Não é limitado o lugar que ocupais em nós; o vosso íntimo é que é limitado^g. ¹³E para pagardes da mesma forma – como a filhos o digo – dilatai também vós os vossos corações^h.

¹⁴Não vos deixeis emparelhar com os não crentes no jugo deles, pois que relação tem a justiça com a iniquidade? Ou que comunhão pode existir entre a luz e as trevas? ¹⁵Que sintonia pode haver entre Cristo e Belialⁱ? Ou que parte pode ter um crente com um não crente? ¹⁶Que acordo pode ter o templo de Deus com os ídolos? É que nós somos templo do Deus vivo, tal como Deus disse:

*Entre eles habitarei e caminharei;
serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.*

¹⁷Por isso, *saí do meio deles
e separai-vos, diz o Senhor.
Não toqueis no que é impuro
e Eu vos acolherei;*

¹⁸*serei para vós um Pai,
e para mim vós sereis filhos e filhas,
diz o Senhor omnipotenteⁱ.*

7 ¹Portanto, na posse de tais promessas, amados meus^k, purifiquemo-nos de toda a mácula da carne e do espírito, consumando a nossa santificação no temor de Deus.

^f Lit.: *abriu-se para vós*. Como conclusão da apologia (iniciada em 2,14), o apelo à reconciliação é especialmente direto e caloroso, sobretudo no princípio (6,11-13) e no fim (7,2-4). Mas só na comunhão total e exclusiva com Deus, fundada na sua palavra (6,14-7,1), é que os cristãos de Corinto poderão reconciliar-se com o apóstolo.

^g Lit.: *não estais estreitados em nós, mas estais estreitados nas vossas entranhas*.

^h Lit.: *e em relação à própria recompensa – como a filhos falo – dilatai-vos também* sós.

ⁱ Ou seja, o Diabo.

^j Confluência de citações: Lv 26,11s (cf. Ez 37,27) no v.16; Is 52,11 e Ez 20,34 no v.17; 2Sm 7,14 (cf. Is 43,6) e 7,8 no v.18.

^k *Meus* é acrescento da tradução (cf., por ex., 1Cor 10,14).

²Dai-nos um lugar nos vossos corações^a. Com ninguém fomos injustos, ninguém arruinámos, ninguém enganámos. ³Não é para vos condenar que o digo^b, pois já antes vos disse que estais nos nossos corações, para juntos morrermos e juntos vivermos. ⁴É grande a minha confiança em vós^c, é grande o motivo que tenho para me gloriar a vosso respeito. Estou plenamente consolado; transbordei de alegria em todas as nossas tribulações.

IV. RESULTADO DO ENVIO DE TITO E DE UMA ANTERIOR CARTA AOS CORÍNTIOS (7,5-16)

⁵De facto, desde que chegámos à Macedónia^d, não tivemos sossego algum^e; pelo contrário, em tudo éramos atribulados: lutas por fora, temores por dentro. ⁶Mas Deus, que consola os humildes, consolou-nos com a chegada de Tito; ⁷e não só com a sua chegada, mas também com a consolação que recebeu de vós^f. Ele falou-nos da vossa saudade, dos vossos lamentos, do vosso zelo para comigo, pelo que ainda mais me alegrei.

⁸Pois ainda que vos tenha entristecido com aquela carta^g, não me arrependo disso. E mesmo que me tivesse arrependido – pois vejo que essa carta vos entristeceu, ainda que por pouco tempo – ⁹agora alegro-me, não por terdes ficado entristecidos, mas porque essa tristeza vos levou à conversão^h. De facto, foi segundo Deus que ficastes entristecidos, de modo que nenhum dano sofrestes da nossa parte. ¹⁰Pois a tristeza segundo Deus gera uma conversão que leva à salvação irrevogável, ao passo que a tristeza do mundo produz a morte. ¹¹Com efeito, eis o que essa mesma tristezaⁱ segundo Deus produziu em vós: quanta solicitude, e até quantas desculpas, quanta indignação, quanto temor,

^a Lit.: *em vós*.

^b Lit.: *não digo para condenação*.

^c Cf. 3,12 nota.

^d Paulo retoma o relato iniciado em 2,12 e interrompido em 2,14: fala da consolação que sentiu por reencontrar Tito (vv.5-7) e por saber, informado por ele, que a comunidade se tinha reconciliado consigo (vv.13b-16). Pelo meio (vv.8-13a) expõe os motivos que o levaram a escrever a *Carta das Lágrimas* (cf. 2,4) e quais os seus resultados.

^e Lit.: *nenhum sossego teve a nossa carne*.

^f Lit.: *com a consolação com que tinha sido consolado por vós*.

^g Referência a uma carta anterior em que Paulo tinha adotado um tom mais severo (cf. 5,13 nota).

^h Lit.: *fostes entristecidos para conversão*.

ⁱ Lit.: *esse mesmo entristecer-se*.

quanta saudade, quanto zelo e quanto desejo de punição! Em tudo mostrastes que estais inocentes neste assunto. ¹²Portanto, se vos escrevi, não foi por causa de quem injustiçou nem por causa de quem foi injustiçado, mas sim para que, entre vós, se manifestasse diante de Deus a vossa solicitude para conosco. ¹³Foi por isso que ficámos consolados.

Mas, para além desta nossa consolação, alegrámo-nos ainda muito mais com a alegria de Tito, por terdes, todos vós, tranquilizado o seu espírito. ¹⁴Porque, se em alguma coisa me tinha gloriado de vós diante dele, acabei por não ficar envergonhado. Pelo contrário: assim como vos falámos em tudo com verdade, assim também se provou ser verdade aquilo de que nos gloriámos perante Tito, a vosso respeito^k. ¹⁵E a sua afeição por vós é ainda maior ao lembrar-se da obediência de todos vós, de como o acolhestes com temor e tremor. ¹⁶Alegro-me, porque em tudo posso confiar em vós.

V. A COLETA EM FAVOR DA COMUNIDADE CRISTÃ DE JERUSALÉM (8,1-9,15)

8 O exemplo dos cristãos da Macedónia

¹Quero-vos dar a conhecer, irmãos, a graça de Deus^l que foi concedida às Igrejas da Macedónia: ²foi no meio de muitas provações e atribuições^m que a abundância da sua alegria e a sua extrema pobreza acabaram por transbordar numa pródiga generosidadeⁿ. ³Pois sou testemunha de que foi segundo as suas possibilidades, e mesmo para além das suas possibilidades, que espontaneamente ⁴nos pediram, com muita insistência, a graça de participar no servi-

^j *Desejo* é acrescento da tradução. O apóstolo refere-se às reações dos coríntios em relação a si mesmo e ao responsável pelo conflito, na sequência da *Carta das Lágrimas* (cf. 2,4-8).

^k Lit.: *assim também a nossa glória diante de Tito foi verdade*.

^l É assim que Paulo, por dez vezes, classifica a coleta (8,1.4.6.7.9.16.19; 9,8.14.15): uma *graça* recebida de Deus, que faz das tribulações alegria, da pobreza riqueza (v.2) e das ofertas monetárias um gesto de entrega de si mesmo (vv.3-5); também assim o cristão se configura com Cristo (cf. 8,9). A coleta tinha sido iniciada a partir das orientações de 1Cor 16,1-5 (cf. nota) e interrompida, provavelmente, devido ao conflito de que trata a 2Cor. Para incentivar os Coríntios a retomá-la, Paulo apresenta-lhes como modelo os cristãos da Macedónia (particularmente nas cidades de Filipos e Tessalónica): foi a sua espontânea e admirável generosidade (vv.1-5) que o levou a enviar Tito a Corinto, com esse fim (v.6).

^m Lit.: *em muita prova de tribulação*.

ⁿ Lit.: *na riqueza da generosidade deles*.

ço em favor dos santos^a. ⁵E, superando as nossas expectativas^b, a si mesmos se deram, primeiro ao Senhor e depois a nós, por vontade de Deus. ⁶Por isso exortámos Tito a que, tal como a tinha começado, assim também consumasse em vós esta obra da graça^c.

Apelo à conclusão da coleta

⁷E^d como abundais em tudo – na fé, na palavra, no conhecimento, em toda a espécie de solicitude e no nosso amor por vós – que abundeis também nesta graça. ⁸Não o digo como uma ordem, mas sim para, perante a solicitude dos outros, pôr à prova a sinceridade do vosso amor. ⁹Pois conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo: sendo rico, fez-se pobre por vossa causa, para que, pela sua pobreza, vos torneis ricos.

¹⁰Estou apenas a dar o meu parecer acerca deste assunto, pois tal é do vosso interesse, tanto que fostes os primeiros, já desde o ano passado, não só a realizar esta obra^e mas também a desejá-la. ¹¹Pois bem, levai-a agora a bom termo^f, de tal modo que, como houve boa vontade em desejá-la, assim também a haja para a levar a bom termo, conforme aquilo que tiverdes. ¹²Pois se há boa vontade, é bem aceite o que se tem, e não importa o que não se tem^g. ¹³Não se trata de querer dar sossego a outros e tribulação a vós, mas sim de haver igualdade^h. ¹⁴No momento presente a vossa abundância supre as necessidades deles, para que também a abundância deles supra as vossas necessidades. E assim haverá igualdade, ¹⁵tal como está escrito: *A quem colheu muito não sobrou, a quem colheu pouco não faltou*ⁱ.

^a Santos (aqui e em 9,1.12, os de Jerusalém) são todos os que pelo batismo pertencem a Deus. Paulo refere-se à coleta de dinheiro em favor dos cristãos necessitados em Jerusalém (cf. Gl 2,10).

^b Lit.: e não como esperávamos.

^c Lit.: esta graça.

^d Na base do apelo, formulado no v.11, estão: as virtudes dos cristãos de Corinto, em especial a do amor (vv.7s); o exemplo de Cristo (v.9); e a igualdade obtida pelo intercâmbio de dons e prometida por Deus na Escritura (vv.13-15). Por tudo isso, não se trata de uma ordem (v.8), mas de um conselho, a cumprir por cada um, livremente (no querer) e conforme as suas posses (vv.10-12). Só assim a coleta é uma graça (vv.7.8; cf. v.1).

^e Esta obra é acrescento da tradução.

^f Lit.: agora também consumai o fazer.

^g Lit.: segundo [o que] tiver, [é] aceitável, não segundo [o que] não tem.

^h Lit.: não, pois, para que [exista] descanso para os outros, e para vós tribulação, mas a partir da igualdade.

ⁱ Ex 16,18. As duas ocorrências de *colheu* são acrescento da tradução.

¹⁶Mas graças sejam dadas a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por vós!^j ¹⁷Porque ele não só acolheu o nosso pedido, como também, sendo ainda mais solícito, partiu espontaneamente para junto de vós. ¹⁸Com ele enviámos outro irmão, cuja ação pelo evangelho é motivo de louvor em todas as Igrejas^k, ¹⁹e que, além disso, foi eleito pelas Igrejas como nosso companheiro de viagem, nesta obra de graça administrada por nós, para a glória do Senhor e como prova da nossa boa vontade^l. ²⁰Queremos assim evitar que alguém nos censure em relação a esta abundante coleta administrada por nós^m, ²¹pois *preocupamo-nos com o bem não só diante do Senhor, mas também diante dos homens*ⁿ. ²²Com eles enviámos também o nosso irmão que, frequentemente e em muitas coisas, comprovámos ser solícito, mas que agora se mostra ainda mais solícito, pela grande confiança que deposita em vós.

²³Quanto a Tito, ele é meu companheiro e colaborador junto de vós; quanto aos nossos irmãos, são enviados^o das Igrejas, glória de Cristo. ²⁴Diante das Igrejas, dai-lhes, portanto, uma prova do vosso amor e mostrai-lhes a razão por que me glorio a vosso respeito.

9 Plano e preparação da coleta

¹Quanto ao serviço em favor dos santos, é para mim escusado escrever-vos^p, ²pois conheço a vossa boa vontade, da qual me glorio a vosso respeito junto dos macedónios, quando digo^q que a Acaia está preparada desde o ano passado. E o vosso zelo tem servido de estímulo à maioria deles.

^j A recomendação, assim iniciada, baseia-se na dimensão teológica, apostólica e eclesial da coleta: é uma *graça* (v.19; cf. v.1), pela qual se dão *graças a Deus* (v.16; cf. 9.11-15); faz parte do *ministério* de Paulo, representado por *Tito*, seu especial *colaborador* (vv.16s.20s.23); nela estão envolvidas as suas comunidades, representadas nos *irmãos enviados* por elas (vv.18s.22-24; cf. 1Cor 16,3).

^k Lit.: *cujo louvor no evangelho por todas as Igrejas*.

^l Lit.: *para nossa boa vontade*.

^m Lit.: *nesta abundância administrada por nós*.

ⁿ Pr 3,4; cf. Rm 12,7.

^o Lit.: *apóstolos*, tratando-se aqui dos enviados das comunidades (cf. Fl 2,25; Rm 16,7).

^p À preparação da coleta, a cargo dos delegados (cf. 8,16-24), seguir-se-á a visita de Paulo, para a recolha final das ofertas (vv.3-5). Paulo pretende que a coleta seja reconhecida como uma *bênção* (vv.5s), vista com uma liturgia de louvor a Deus, de enriquecimento pessoal e de expressão de comunhão (vv.11-15).

^q *Quando digo* é acrescento da tradução.

³Contundo, envie-i-vos os irmãos, para me assegurar^a de que, neste ponto, não me gloriei em vão a vosso respeito, e para assim, como dizia, estardes preparados. ⁴Não aconteça que, se os macedónios forem comigo e não vos encontrarem preparados, nós – para não dizer vós – fiquemos envergonhados com tal situação. ⁵Julguei, pois, necessário pedir aos irmãos que fossem adiante ter convosco e preparassem de antemão a vossa abençoada oferta^b já prometida, para que assim ela esteja pronta como um gesto de bênção^c e não de avareza.

Fundamentação teológica da coleta

⁶Mas lembrai-vos^d disto: quem semeia pouco, também pouco há de colher; e quem semeia abençoadamente^e, também abençoadamente há de colher. ⁷Que cada um dê^f conforme tiver decidido no coração, e que não o faça^g com pesar ou com constrangimento, pois *Deus ama a quem dá com alegria*^h. ⁸E Deus pode fazer com que abunde em vós toda a espécie de graças, para que, tendo tudo o que é necessário, em tudo e em todo o tempo, abundeis em toda a espécie de boas obras, ⁹tal como está escrito:

*Distribuiu, deus aos pobres:
a sua justiça permanece para sempre*ⁱ.

¹⁰E aquele que proporciona a semente ao semeador e o pão como alimento, há de providenciar e multiplicar a vossa semente e aumentar os frutos da vossa justiça.

Resultado da coleta: ação de graças a Deus

¹¹Em tudo estais a ser enriquecidos, para que assim possais praticar toda a espécie de generosidade^j, que suscitará, por nosso intermédio, a ação de gra-

^a *Me assegurar* é acrescento da tradução.

^b Lit. *a bênção de vós*.

^c *Gesto* é acrescento da tradução.

^d *Lembra-i-vos* é acrescento da tradução. Para fundamentar a coleta, Paulo recorre à incontestável autoridade da Palavra de Deus no AT: com alusões (vv.7a.10b) e citações (vv.7b.9). Com elas mostra como a coleta, impulsionada por Deus, é realmente uma *bênção* divina (v.5s); pela *alegria* com que se dá (v.7), pela *boa obra* que se realiza (v.8), pela *justiça* que é feita *aos pobres* (v.9) e pelos abundantes *frutos* que produzirá (vv.6.10), entre os quais os da ação de graças que se segue (vv.11-15).

^e Lit.: *com bênçãos* (nas duas ocorrências).

^f *Dê* é acrescento da tradução.

^g *Que nem o faça* é acrescento da tradução.

^h Pr 22,8.

ⁱ Sl 112,9.

^j Lit.: *para toda a generosidade*.

ças a Deus. ¹²Porque se trata de um serviço litúrgico^k que não vai apenas suprir as necessidades dos santos, mas também transbordar em numerosas ações de graças a Deus. ¹³Devido às provas dadas^l com este serviço, eles hão de glorificar a Deus pela obediência com que confessais o evangelho de Cristo^m e a generosidade da comunhão que mostraisⁿ para com eles e com todos. ¹⁴E, na sua oração por vós, hão de manifestar a afeição que vos têm, por causa da extraordinária graça de Deus infundida^o em vós. ¹⁵Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom inefável!

VI. AUTODEFESA DE PAULO CONTRA OS ADVERSÁRIOS (10,1-13,10)

Introdução (10,1-18)

10 Declaração de luta

¹Sou eu mesmo, Paulo^p, que vos exorto pela mansidão e bondade de Cristo – eu, que na vossa presença^q sou humilde, mas que quando estou ausente sou audaz para convosco. ²Peço-vos, porém, que, quando estiver presente, não tenha de mostrar aquela audácia que julgo ter de usar contra aqueles que^r pensam que nós vivemos^s segundo os critérios da carne^t.

³De facto, embora vivendo na carne, não é segundo a carne que combatemos, ⁴pois as armas do nosso combate não são carnis; pelo contrário, têm

^k Lit.: *a diaconia* (= serviço) *desta liturgia*, dois termos aplicados à coleta, o segundo com uma conotação cultural própria da ação de graças. Cf. a expressão semelhante em Rm 15,16.27.

^l *Dadas* é acresceto da tradução.

^m Lit. *perante a obediência da vossa confissão para com o evangelho de Cristo*.

ⁿ *Que mostrais* é acresceto da tradução.

^o *Infundida* é acresceto da tradução.

^p Paulo responde a quem o acusa de ser duro nas cartas e pouco assertivo quando está presente (vv.1s), afirmando que a eficácia do seu combate está alicerçada num *poder vindo de Deus* (vv.3-5), cuja finalidade é reconquistar a comunidade para a *obediência a Cristo* (vv.5s).

^q Lit.: *segundo o rosto*.

^r Lit.: *peço, porém, estando presente, que não seja ousado na convicção com que penso ser audaz para com aqueles que...*

^s Lit.: *caminhamos* (tal como no v. seguinte).

^t Lit.: *segundo a carne*, expressão que se refere a quem é débil, fraco e, portanto, sem autoridade e capacidade para lutar. *Carne* é o constituinte mais débil do corpo humano. Talvez por isso tornou-se, na tradição bíblica, metáfora da condição humana, frágil e mortal. É ocasião de pecado, quando o homem pretende edificar nela a sua existência, separando-se de Deus.

em Deus o poder de destruir fortalezas. Destruímos os argumentos ⁵e toda a altivez que se ergue contra o conhecimento de Deus, tornando cativo todo o pensamento, para o levar^a até à obediência a Cristo; ⁶ estamos prontos a punir toda e qualquer desobediência, quando a vossa obediência se tornar completa.

Fundamento da comparação com os adversários

⁷ Vós olhai para as coisas segundo a aparência^b! Se alguém se convenceu a si mesmo que é de Cristo, considere de novo isto em si mesmo: tal como ele é de Cristo, também nós o somos! ⁸Pois ainda que eu me gloriasse em excesso da nossa autoridade – aquela que o Senhor nos deu para vossa edificação, e não para vossa destruição – não teria de que me envergonhar. ⁹Digo isto^c para não dar a impressão de vos querer amedrontar com as cartas. ¹⁰Porque, segundo dizem, «embora as cartas sejam severas e fortes, a presença física^d é fraca, e a palavra é desprezível». ¹¹Esse que assim fala considere o seguinte^e: o que somos em palavras, por cartas, quando estamos ausentes, sê-lo-emos também em ações, quando estivermos presentes.

Medida e limites da comparação

¹²De facto, não ousamos equiparar-nos ou comparar-nos a nós próprios com alguns daqueles que se recomendam a si mesmos. Mas esses que consigo próprios se medem, e consigo mesmos se comparam, não são inteligentes. ¹³Quanto a nós, não vamos gloriar-nos desmedidamente, mas apenas na medida da norma que Deus nos deu como medida para poder chegar até vós^f. ¹⁴Com efeito, não ultrapassamos os nossos limites – como seria se não tivéssemos chegado até vós – visto que fomos os primeiros a ir até junto de vós com

^a *Levar* é acrescento da tradução.

^b Ou *olhai as coisas de frente*. Na raiz deste confronto de Paulo com os seus opositores está a questão da *autoridade* apostólica (v.8; cf. 13,10), que emana de uma especial relação com *Cristo* (v.7) e se manifesta na *construção* da comunidade (v.8). Os adversários, porém, não reconhecem essa autoridade a Paulo, acusando-o de falar de modo diferente, conforme está *ausente* ou *presente* na comunidade (vv.9-11).

^c *Digo isto* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *a presença do corpo*.

^e Lit. *esse tal pense isto*.

^f A *norma* pela qual Paulo mede a sua missão em Corinto é provavelmente a que ficou estabelecida no encontro apostólico de Jerusalém: que ele estava vocacionado para anunciar o evangelho aos pagãos (Gl 2,9; cf. 1,16).

o evangelho de Cristo^g. ¹⁵Não nos gloriamos desmedidamente com as fadigas dos outros. Temos, porém, a esperança de que, ao crescer a vossa fé, sejamos também mais considerados^h entre vós, de acordo com a norma que nos foi dada, ¹⁶para anunciarmos o evangelho para além das vossas fronteirasⁱ, e não para nos gloriarmos nas coisas já preparadas segundo a norma dada a outros^j. ¹⁷Mas *quem se gloria, glorie-se no Senhor*^k, ¹⁸pois não é aquele que a si mesmo se recomenda que é aprovado, mas sim quem o Senhor recomenda.

Autoelogio de Paulo (11,1 – 12,18)

11 **1** Os ciúmes de Paulo pelos Coríntios
¹Podereis vós suportar um pouco de insensatez da minha parte? Estou certo de que a suportareis. ²Sinto um ciúme por vós, um ciúme semelhante ao de Deus^l, pois foi com um só esposo, Cristo, que vos desposei, para vos apresentar a Ele como virgem pura^m. ³Temo, porém, que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, se corrompam os vossos pensamentos, ao afastarem-se da simplicidade e da pureza devidas a Cristo. ⁴Com efeito, se chega alguém que vos proclama um outro Jesus que não Aquele que proclamámos, ou se recebeis um espírito diferente daquele que recebestes, ou um evangelho diferente daquele que acolhestes, é de bom grado que o aceitais! ⁵Pois bem, penso que em nada sou inferior a esses superapóstolos. ⁶E ainda que seja inábil no discurso, não o sou no conhecimento; pelo contrário: em tudo e de todos os modos vo-lo manifestámos.

^g Ao fundar a comunidade Paulo tornou-se seu *único progenitor* (1Cor 4,15), uma relação e um direito de que os seus opositores não podiam gloriar-se.

^h Lit.: *ser engrandecido*.

ⁱ Lit.: *para além de vós*.

^j Lit.: *norma de outros*. Paulo tem como regra não intervir nas comunidades fundadas por outros (cf. Rm 15,20), talvez na sequência do que foi decidido na Assembleia de Jerusalém (cf. Gl 2,7-9).

^k Jr 9,23; cf. 1Cor 1,31.

^l *Semelhante ao* é acresceto da tradução. O *ciúme* faz parte da relação apaixonada de Paulo com os cristãos de Corinto e remete para a metáfora tradicional do matrimónio de Deus com o seu povo (v.2; cf. 1Cor 4,15). Essa relação corre perigo (v.3), por causa dos opositores, que têm uma outra visão de Cristo (v.4) e acusam Paulo de falta de dotes oratórios que, para eles, seriam próprios do verdadeiro apóstolo (vv.5s). Isso justifica o seu pedido inicial de compreensão para a *insensatez* que vai cometer, de se gloriar como os adversários (v.1; cf. 11,16-12,10).

^m Paulo apresenta-se como um pai zeloso que guarda com dedicada atenção a filha (a comunidade) para o casamento.

A gratuidade da pregação de Paulo em Corinto

⁷Ou terei cometido um pecado por vos anunciar gratuitamente^a o evangelho de Deus, humilhando-me a mim próprio para que vós fôsseis exaltados? ⁸Despojei outras Igrejas, ao receber delas um estipêndio para vos poder servir^b. ⁹E, quando estive entre vós e passei por necessidades, não fui pesado a ninguém, pois foram os irmãos vindos da Macedónia que supriram as minhas necessidades. De resto, em tudo me guardei e guardarei de vos ser pesado.

¹⁰É a verdade de Cristo que está em mim: ninguém, nas regiões da Acaia, me tirará este motivo para me gloriar! ¹¹Porquê? Será porque não vos amo? Deus o sabe!

¹²Mas o que faço, continuarei a fazê-lo, para eliminar qualquer pretexto daqueles que buscam um motivo^c para serem considerados semelhantes a nós naquilo de que se gloriam. ¹³É que esses tais são falsos apóstolos, trabalhadores fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. ¹⁴E não é de admirar, pois o próprio Satanás se disfarça de anjo da luz. ¹⁵Nada há, portanto, de surpreendente, se também os seus ministros se disfarçam de ministros da justificação. O fim deles será conforme às suas obras.

Primeira parte do discurso da insensatez: as fraquezas

¹⁶De novo o digo: ninguém pense que eu sou insensato. Mas mesmo assim, acolhei-me pelos menos como se fosse um insensato, para que também eu possa gloriar-me um pouco. ¹⁷O que vou dizer – nesta decisão de me gloriar^d – não é segundo o Senhor que o digo, mas como que estando num estado de insensatez. ¹⁸Já que muitos se gloriam segundo os critérios da carne^e, também eu me irei gloriar^f. ¹⁹É que vós, que sois tão sensatos, suportais de bom grado os insensatos: ²⁰sim, suportais se alguém vos submete à escravidão, se alguém vos

^a Ao contrário dos seus adversários, Paulo habitualmente não aceitava ser remunerado pela atividade evangelizadora (vv.7-10; cf. 1Ts 2,3-9).

^b Lit.: *para o serviço de vós*.

^c Lit.: *pretexto*.

^d Lit.: *nesta confiança de vanglória*.

^e Lit.: *segundo a carne*.

^f É por isto que Paulo classifica de *insensatez* o que vai expor: contrariamente à sua convicção, vai *gloriar-se segundo a carne*, isto é, segundo critérios meramente humanos, e não *segundo o Senhor*, de quem depende como apóstolo (cf. 10,17). Mas, para ser atendido pela comunidade (v.1), dominada pelos adversários, argumenta ironicamente com os critérios destes (vv.19-21a).

devora, se alguém vos explora, se alguém é arrogante, se alguém vos bate na cara. ²¹Para nossa desonra o digo: como temos sido fracos!^g

Mas daquilo de que alguns se gabam – digo-o num estado de insensatez – vou eu também gabar-me. ²²São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendência de Abraão? Também eu. ²³São ministros de Cristo? Sem qualquer sensatez o digo: eu ainda mais. Muito mais em fadigas, muito mais em prisões, imensamente mais em chicotadas, frequentemente em situações de morte: ²⁴cinco vezes recebi dos judeus as quarenta chicotadas^h menos umaⁱ, ²⁵três vezes fui vergastado, uma vez fui apedrejado, três vezes naufraguei, passei uma noite e um dia no alto mar; ²⁶fiz frequentes viagens, sofrendo^j perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte do meu povo, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos; ²⁷com fadiga e esforço, em frequentes vigílias, com fome e com sede, em frequentes jejuns, exposto^k ao frio e à nudez;²⁸e, para além das coisas exteriores, aquilo que pesa sobre mim todos os dias: a preocupação por todas as Igrejas. ²⁹Quem enfraquece, sem que eu enfraqueça? Quem é motivo de escândalo, sem que eu fique a ferver?

³⁰Se é necessário gloriar-se, é da minha fraqueza que me hei de gloriar. ³¹O Deus e Pai do Senhor Jesus, Ele que é bendito pelos séculos, sabe que não minto. ³²Em Damasco, o etnarca do rei Aretas^l tinha posto guardas na cidade dos damascenos para me prender; ³³mas, por uma janela, fui descido num cesto ao longo da muralha e escapei às suas mãos.

^g Repare-se na ironia: a *fraqueza*, que Paulo aqui introduz como *desonra* (segundo os critérios dos adversários – cf. 10,10), vai tornar-se o principal motivo de *glória* no resto do discurso (11,29.30; 12,5.9.10). Na base disso está o mistério da cruz de que o apóstolo é testemunha viva (cf. 4,10s; 13,4; 1 Cor 2,2s; Gl 6,14).

^h *Chicotadas* é acresceto da tradução.

ⁱ *As quarenta chicotadas* estão previstas em Dt 25,3. Devido a possíveis erros de contagem, para não infringir a lei, dava-se *menos uma*. Os romanos, porém, que também aplicavam este castigo, deixavam a quantidade ao critério do carrasco.

^j *Sofrendo* é acresceto da tradução.

^k *Exposto* é acresceto da tradução.

^l Cf. At 9,24s. A referência ao etnarca do rei Aretas mostra que Damasco não estava sob o domínio de Roma, através do governador da Síria, mas de Aretas IV Filopator (9 a.C.-39 d.C.), rei nabateu que passou a dominar Damasco por concessão do imperador Gaio Calígula.

12 Segunda parte do discurso da insensatez: as visões e revelações

¹Mas se é mesmo necessário gloriar-se, embora isso não se deva fazer, passarei, então, a falar^a das visões e das revelações do Senhor^b.

²Sei de um homem em Cristo, que há catorze anos^c – se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe – foi arrebatado até ao terceiro céu. ³E sei que esse homem – se no corpo ou sem o corpo, não sei; Deus o sabe – ⁴foi arrebatado ao paraíso^d e ouviu palavras inefáveis, que não é permitido ao homem dizer.

⁵É desse que me hei de gloriar. De mim próprio não me hei de gloriar, a não ser nas fraquezas. ⁶Se, de facto, quisesse gloriar-me, não estaria a ser insensato, pois estaria a dizer a verdade. Mas evito-o, não aconteça que alguém me considere acima daquilo que vê em mim ou ouve de mim, ⁷no que respeito à excepcional natureza das revelações.

Por isso, para não ser soberbo, foi-me dado um espinho na carne^e – um anjo de Satanás para me esbofetear – para não ser soberbo^f. ⁸A esse respeito, por três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. ⁹Mas Ele disse-me^g: «Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se consuma^h».

É, portanto, de bom grado que prefiro gloriar-me nas minhas fraquezasⁱ, para que habite^j em mim a força de Cristo. ¹⁰Por isso me comprazo nas fraquezas^k, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

^a *Falar* é acrescento da tradução.

^b *Visões e revelações do Senhor* são experiências de êxtase, muito valorizadas pelos coríntios e certamente pelos adversários de Paulo. Embora contra a sua vontade, porque não o considera útil para a edificação da comunidade, Paulo descreve a sua experiência mística na terceira pessoa (*sei de um homem em Cristo*, vv.2-4), embora insistindo que é nas *fraquezas* que o verdadeiro apóstolo se manifesta como servidor de Cristo, o crucificado (vv.5-7a).

^c Por esta data depreende-se que não se trata da visão de Cristo que levou à conversão e vocação de Paulo (referida em 1Cor 15,8-10; At 9,1-22; 22,4-21; 26,9-18).

^d Na conceção do judaísmo, o *paraíso*, como lugar de encontro com Deus (cf. Gn 3,8; Ap 2,7), situa-se no *terceiro céu* (de um total de sete).

^e Talvez uma doença dolorosa.

^f Alguns mss. não repetem esta frase.

^g Este verbo está no perfeito grego: a resposta, dada no passado, tem ainda consequências no presente.

^h Em grego, é o mesmo verbo que aparece em Jo 19,30 como última palavra de Jesus na cruz.

ⁱ Lit.: *Como maior gosto, portanto, antes me gloriarei nas minhas fraquezas.*

^j Verbo com a mesma raiz do que aparece em Jo 1,14 (*estabeleceu a tenda*).

^k Sobre os sofrimentos de Paulo, cf. 4,8 nota.

Os sinais do verdadeiro apóstolo

¹¹Tornei-me um insensato! Fostes vós que me obrigastes a isso. Eu é que devia ser recomendado por vós, pois em nada fui inferior a esses superapóstolos – ainda que eu nada seja. ¹² Os sinais distintivos¹ do apóstolo foram realizados entre vós, com toda a perseverança; sinais e também prodígios e ações poderosas. ¹³ Com efeito, em que é que fostes inferiores em relação às outras Igrejas, a não ser no facto de eu próprio não vos ter sido pesado? Perdoai-me esta injustiça!

¹⁴ Eis que esta é a terceira vez que estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado, pois o que procuro não é o que é vosso, mas sim a vós. É que não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas os pais para os filhos. ¹⁵ E eu, é de bom grado que hei de gastar o que tenho^m e a mim próprio me desgastarei em vosso favorⁿ. Será que, quanto mais intensamente vos amo, menos sou amado por vós? ¹⁶ Pois que assim seja! Eu não fui um peso para vós. Mas sendo astuto, apanhei-vos pelo dolo^o. ¹⁷ Será que vos enganei por meio de algum daqueles que vos envie? ¹⁸ Insisti com Tito e com ele enviei outro irmão. Será que Tito vos enganou? Não caminhamos nós no mesmo espírito? Não seguimos^p os mesmos passos?

Conclusão da autodefesa (12,19 – 13,10)

Apreensão perante a visita a Corinto

¹⁹ Julgais, há muito, que estamos a defender-nos perante vós^q. Mas é diante de Deus, em Cristo, que nós falamos! E tudo, amados meus^r, para a vossa edificação. ²⁰ É que temo que, ao chegar, não vos encontre tal como desejo,

¹ *Distintivos* é acrescento da tradução.

^m *O que tenho* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *pelas vossas vidas*. O termo original (*psykhé*) também significa *alma*, mas no sentido que tem na antropologia semítica (ou seja, a vida biológica).

^o Não é fácil saber a que é que Paulo se refere neste v.; uma possível interpretação é a de que o apóstolo tenha usado outros (Tito e o irmão) para, através deles, conseguir reunir meios para acudir à pobre comunidade de Jerusalém (cf. 1Ts 2,3); esse seria o seu *dolo*, ainda que não prejudicial.

^p *Seguimos* é acrescento da tradução.

^q A NVg lê a frase como interrogativa. A preocupação de Paulo, assim introduzida, é, não tanto consigo próprio, como sobretudo com a comunidade que *construiu* e está em perigo de se destruir por divisões internas (v.20) e de se separar de Deus (v.21), situações provocadas pelos adversários (os “superapóstolos”, cf. 11,5).

^r *Meus* é acrescento da tradução. Cf. 1Cor 10,14.

e que também vós não me encontréis^a tal como desejais. Temo^b que haja discórdia, ciúme, fúrias, ambições egoístas, maledicências, murmurações, arrogâncias, desordens. ²¹Temo que, quando eu chegar, o meu Deus me humilhe de novo diante de vós, e eu me venha a lamentar por muitos dos que anteriormente pecaram e não se converteram da impureza, da promiscuidade e da devassidão que praticaram.

13 Ameaça de recurso à autoridade apostólica

¹Esta é a terceira vez que vou ter convosco: *pela boca de duas ou três testemunhas toda a questão será decidida*^c. ²Já vo-lo tinha dito, quando estive presente pela segunda vez e, agora que estou ausente, torno a dizê-lo aos que anteriormente pecaram e a todos os restantes: quando voltar, não pouparei ninguém, ³uma vez que procurais uma prova de que Cristo fala em mim. Ora, Ele não é fraco em relação a vós, mas exerce em vós o seu poder. ⁴É que, de facto, Ele foi crucificado em fraqueza, mas vive pelo poder de Deus. E assim, nele, também nós somos fracos; no entanto, com Ele viveremos, pelo mesmo poder de Deus que é exercido em vós^d.

Apelo à mudança de vida

⁵Examinai-vos a vós mesmos, para ver^e se estais na fé: ponde-vos, a vós próprios, à prova. Ou não reconheceis, por vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? A não ser que sejais reprovados em tal exame^f. ⁶Espero, porém, que, quanto a nós, saibais que não estamos reprovados. ⁷Aliás, rezamos a Deus para que não façais mal algum, não para parecermos aprovados, mas para que façais o bem, mesmo que isso implique^g que sejamos tidos como reprovados^h. ⁸É que nada podemos fazer contra a verdade, mas sim a favor da verdade. ⁹As-

^a Lit.: *seja encontrado por vós*.

^b *Temo* é acrescento da tradução, tal como no v. seguinte.

^c Paulo cita Dt 19,15, que estipula que devem estar presentes pelo menos duas ou três testemunhas para que o julgamento seja imparcial.

^d Lit.: *pelo poder de Deus para vós*.

^e *Para ver* é acrescento da tradução.

^f *Em tal exame* é acrescento da tradução. Depois de Paulo ter sido posto à prova (cf. 13,3), é ele que agora o faz à comunidade: se esta deixar os vícios em que recai (cf. 12,20s) e regressar à fé e à prática do bem (vv.5.7), irá certamente aceitar o apóstolo, sujeito à mesma verdade do evangelho (vv.6.8), e evitará as suas admoestações (v.10).

^g *Que isso implique* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *nós, porém, como reprovados sejamos*.

sim, alegramo-nos quando nós é que somos fracos, enquanto vós sois fortes. E é por isto que rezamos: pelo vosso aperfeiçoamento.

¹⁰Por isso escrevo estas coisas, enquanto estou ausente, para que, quando estiver presente, não tenha de proceder de modo severo, de acordo com a autoridade que o Senhor me deu para a edificação e não para a destruição.

CONCLUSÃO (13,11-13)

¹¹Quanto ao resto, irmãos, alegrai-vos, aperfeiçoi-vos, consolai-vos, tende um mesmo sentirⁱ, vivei em paz, e o Deus do amor e da paz estará convosco.

¹²Saudai-vos uns aos outros com o beijo santoⁱ. Saudam-vos todos os santos.

¹³A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós^k!

ⁱ Lit.: *pensai o mesmo*.

^j Pensa-se que as cartas de Paulo eram lidas às comunidades destinatárias no início da sua reunião, na qual se celebrava a eucaristia. Nesse caso, as palavras finais (vv.12-13) já então teriam o cunho litúrgico que ainda conservam.

^k É a única fórmula trinitária de bênção no NT.